

RICARDO AMARAL

A renúncia e a ilha do senador

O governador Mário Covas está em temporada de livrar-se de angústias. Depois de desistir formalmente da reeleição (objetivo jamais cogitado, ele diz), Covas pretende tirar outro peso das costas, vetando a Lei 724/96, recentemente aprovada na Assembleia Legislativa, que concede privilégio de senhor feudal a um senador da República, aliado do governo em Brasília. A renúncia e o veto são gestos aparentemente isolados, mas perseguem ambos uma reafirmação de independência em relação ao tucanato central.

A lei tem o objetivo de excluir de controles ambientais a Ilha das Cabras, serventia e usufruto do senador Gilberto Miranda (PFL-AM) no Parque Estadual de Ilhabela, litoral norte de São Paulo. Até o final da semana, Covas guardava silêncio sobre o assunto, enquanto pesava as consequências políticas e administrativas do veto, que sempre considerou melhor medida. Melhor vetar porque, com a lei em vigor, Miranda poderia construir, reformar e desmatar em sua ilha, numa região onde os mortais comuns não podem caçar passarinho.

No domingo, falando a deputados de seu grupo, Covas mandou o silêncio às favas e manifestou-se disposto a enfrentar a ressaca do veto, que deve aparecer no Senado, por onde tramita a delicada questão da rolagem das dívidas do Estado. Ele deixou de temer as possíveis represálias do gesto, 24 horas depois de ter aberto, com a renúncia à reeleição, a mais grave crise de identidade do PSDB, desde que o partido fez um acordo com o PFL e o PTB, para eleger o presidente Fernando Henrique Cardoso em 1994.

Covas é um enxadrista, o que não chega a ser um traço de personalidade, mas é um recurso permanente dos que tentam interpretar e prever os movimentos do governador no tabuleiro político. Os adeptos da teoria do jogador de xadrez estavam, ontem, esperançosos de que a formalização da renúncia tenha sido apenas isso: um lance de ousadia, no qual perde-se uma peça importante para se conquistar uma vantagem estratégica mais tarde. Dessa expectativa participa inclusive o presidente, mas nem todos os seus ministros.

"Pela primeira vez, tremi", disse um desses auxiliares depois de falar com Covas, desconfiado de que o gesto é irreversível e nada o demoverá, nem mesmo a romaria de grãos-tucanos desencada pelo Planalto, com a missão de fazer apelos ao governador para se recandidatar. Aos amigos, Covas disse estar finalmente liberado para fazer o que mais gosta: inaugurar, visitar obras, cair nos braços do povo sem ter de ficar explicando que faz isso por prazer, não para pedir votos. Agregou algumas razões de ordem pessoal, mas deixou claro que sua opção é política.

Sendo séria a decisão, como séria é a reputação do governador, é mesmo o caso de tremer, como reagiu o tucanão do parágrafo anterior. O gesto de Covas provoca no PSDB um abalo consideravelmente maior e mais grave que a rebeldia do ex-ministro Ciro Gomes ou a saída de um ou outro deputado ou senador. Ele provoca uma reflexão sobre os rumos que o partido tomou depois de alcançar o poder e compartilhá-lo com o PFL, sobre as relações no mínimo ambíguas entre o presidente e seus companheiros de legenda.

Por não ter sido exposta com antecedência a FH, a decisão surpreendeu o Planalto e ganhou um tom de represália que Brasília procura disfarçar e o grupo do governador, potencializar. Aqui, sim, temos um jogo, com cada parte tentando sair-se melhor do episódio.

Covas pode ficar apenas observando. Ao contrário de Ciro, não formalizou uma crítica à orientação do governo nem ameaçou deixar o PSDB, mas tem uma densidade política e partidária tão grande que pode provocar abalos bem mais sérios com um cruzar de braços.

De certa forma, trata-se de uma rebeldia disciplinada, potencialmente mais danosa para a imagem de unanimidade que o Planalto busca formar em torno do presidente. Livre do compromisso com a recandidatura, Covas parece querer se transformar em consciência crítica do PSDB. É para dentro do partido, sua vida interna, que devem apontar os próximos gestos de independência do governador.



■ Ricardo Amaral é jornalista

O gesto de Covas provoca no PSDB abalo bem maior e mais grave que a rebeldia de Ciro Gomes